

## Dialética, Cultura e Conhecimento em Adorno

### RESUMO

Discute-se a situação da produção do conhecimento a partir da leitura da obra de Adorno. Trata-se de uma investigação sobre o avanço tecnológico a que a humanidade chegou, paralelo à decaída da humanidade na barbárie que, mais do que violência e rusticidade, significa hoje a incultura: toda barbárie demonstra ser uma não apropriação da cultura pela consciência e, por isto, a manifestação nos hábitos (*ethos*) quotidianos são grotescos e violentos. A humanidade se extravia no fazer (pragmatismo) fetichizado do mundo exterior desprezando a teoria (contemplação) e, em meio ao produzir, consome, reduzindo-se a um produzir consumir. A civilização se locupleta em meio a tudo que produziu, mas não se sente realizada. A Filosofia não salva nem produz, mas permite que a humanidade se volte sobre si e se interprete, se auto-critique confrontando o seu conceito e aquilo que se tornou. O conhecimento, na entrega plena ao objeto, se sustenta como a melhor forma de cultura e de produção da humanidade, ou seja, como o processo de produção do conhecimento é, também, o processo civilizatório e, para isto, há que se admitir a primazia do objeto, derrotando o narcisismo e idiosincrasias. A humanidade hoje depende da sua vivência da verdade.

**Palavras-chave:** Dialética; Cultura; Conhecimento; Objeto; Adorno.

### ABSTRACT

I discuss the situation of the knowledge production from the Adorno's theory. To deal an investigation about technology advancing where the humanity arrived, collaterally it declines in the spirit and existence rustic denote uncultured: all barbarism demonstrates to be a no-appropriation of the culture by conscience and, for it, the habits (*ethos*) quotidian are violent (more what aggressive) and grotesque. The humanity herself masthead into "to do" (pragmatism) fetishist of the exterior world disdaining the theory (contemplation) into the produce, she consumes, reducing her one produce-consume. The civilization to grow rich into your fabulous production but she doesn't feel realized (no humanized). The Philosophy doesn't save nor produce, but permits what the humanity returns upon her and interprets and auto-critiques herself confronting your concept and that what returned herself. The knowledge into full abandon at the object maintain him how the best form of the culture (cultural formation) and of the humanity production, that is, the process of the production of the knowledge it's the same process of the production civilest, and by that is necessary to admit the primacy of the object, overthrowing the narcissism and the exaggerated subjectivisms. The humanity depends, today, of your truth's existence.

**Key words:** Dialectic; Culture; Knowledge; Object; Adorno.

\* Doutor e Professor de Filosofia da UFPA – Altamira.

O desprezo pela Filosofia, no interior da civilização ocidental, acaba se manifestando como desprezo à própria civilização, como produto e como processo civilizatório. Toda mudança e avanço que o Positivismo, o Pragmatismo e o Capitalismo operaram e significam hoje, representam possibilidades da cultura que elevaram qualitativa e quantitativamente as condições de vida da humanidade, mas, cada uma destas construções, também, se sustenta e conduz a humanidade, sob alguma forma de reducionismo.

O estágio tecnológico e de produção de bens de consumo e luxo, além das condições de vida, em que a humanidade se encontra, neste século XXI, lhe permitiria uma situação muito mais racional e esclarecida. O que se percebe, no entanto, é uma restrição pragmática da sociedade do capital, uma exterioridade tacanha no reducionismo prático utilitário quotidiano (KOSÍK, 1995) e uma aversão prepotente contra a produção teórica, principalmente no campo das humanidades. Com isto – e é muito difícil que alguém admita tal separação – cresce e avança a regressão da sociedade à violência física, cada vez em maior escala. A barbárie explicitada em crimes pelo dinheiro e bens das pessoas, em ataques brutais contra determinados grupos sociais e a violência real (simbólica) dos engratados contra os cofres públicos são, afinal, elementos desta sociedade da tecnologia e da produção de bens. A despeito da advertência de Paul Valery (*apud* ADORNO, 1995) de que a desumanidade tinha um grande futuro: porque este avanço está tão associado ao que destrói? O desesperador é que isto aconteceu *pari passu* com toda evolução tecnológica, produção de bens e desenvolvimento financeiro.

Dentre os conhecimentos proporcionados por Freud, efetivamente relacionados inclusive à cultura e à sociologia, um dos mais perspicazes parece-me ser aquele de que a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório. Justamente no que diz respeito a Auschwitz, os seus ensaios 'O mal-estar na cultura' e 'Psicologia de

massas e análise do eu' mereceriam a mais ampla divulgação. Se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador. (ADORNO, 1995, p. 119).

Adorno admite a existência de motivos latentes, admitindo que a "psicologia profunda" tem muito a esclarecer acerca da barbárie reinante na sociedade. A cultura – que para Freud (1992, p. 639) não é diferente de civilização – não oferece apenas a eudaimonía, ainda que isto estivesse em seu arsenal de promessas. As pessoas se sentem enclausuradas, presas à teia da socialização, "no way out" – sem saída. A revolta é contra a própria cultura, pelo não cumprimento de suas promessas. A civilização se torna, assim, anticivilizatório pela recaída naquilo que pretendia superar, tal como aconteceu com o esclarecimento (HORKHEIMER e ADORNO, 1985).

A barbárie, que já chegou a significar apenas incultura, já significa a incultura – produzida pela cultura – no interior e com os recursos da cultura chegando ao extremo da violência física, argumentada com qualquer formulação irracional e útil para intentos piores. Para o frankfurtiano, a Segunda Guerra foi muito além do combate bélico: foi uma demonstração de fracasso da cultura, ou seja, o processo civilizatório fracassou na sua rota de humanização da humanidade.

Antes que se jogue fora "a criança com a água do banho", há que se reconhecer, com Adorno (1992, p. 36), que a cultura, em cujo interior se desenvolve a anticivilização, é a única cultura. Como realização humana, a cultura carrega as incongruências e mazelas humanas. Por este motivo, condenar a cultura pode representar uma mentira, sob a qual se escondem interesses de produção cada vez mais administrada e heterônoma da cultura, a partir dos gabinetes dos gerentes da indústria cultural.

O endinheiramento, ao que foi reduzida a compreensão de riqueza que a Modernidade almejou – utopicamente –, efetivou-se para poucos e ofuscou os demais aspectos do enriquecimento. Kant (1989) já

admitia que o fato de ter dinheiro não significava ser esclarecido (*Aufklärung*); ainda que se possa consumir todos os bens da cultura, o dinheiro não compra cultura (*Bildung*), espírito cultivado, mas pode gerar o que Adorno caracterizou como “pseudocultura” (*Hallbildung*). Em verdade, tanto para Kant, quanto para Adorno –leitor daquele – o endinheiramento gera maior risco de não-esclarecimento do que de esclarecimento, por “preguiça e covardia”, aquela situação de auto-inculpável menoridade, quando as pessoas não se servem de seu esclarecimento, mas seguem “orientações” de outrem. Até deliberadamente admitem serem governados, guiados por outros (heteronomia), e não por si mesmos, a partir de princípios racionais de autodeterminação.

A posse dos produtos da cultura, inclusive o dinheiro, representa um estágio – ainda que miserável – de cultura mesmo. Uma expressão de pseudocultura seria a imagem do possuidor de produtos altamente tecnologicizados que nem ao menos sabe manusear seu equipamento. O desejo e possibilidade de ser um *high tech* não lho fazem assim porque o espírito não se estruturou para esta condição. Neste sentido pode-se admitir que a cultura seja uma situação de posse de bens culturais e de formação do espírito. A escassez material ainda é um problema para muitas pessoas, mas a formação do espírito é um fracasso comum entre pessoas de posses.

Talvez seja possível admitir que a pobreza material das pessoas seja a consequência, em grande medida, da insuficiente formação do espírito, tanto dos pobres, quanto dos opressores.

A Filosofia ainda teria muito a interpretar no mundo (ADORNO, 2005). A verdade, em termos gerais, é que a sociedade não se encontra desesperada por isto. Para a Filosofia e para aqueles que têm sua base de sobrevivência (material) por meio do trabalho filosófico, isto é uma derrota. Para a

sociedade que se pretenda esclarecida e emancipada é pior, significa a não-realização destes propósitos. Estas afirmações podem indicar uma indiscreta soberba de um setor, comercialmente, insignificante, entretanto – esclareça-se em tempo: a Filosofia pode ser praticada, independente do querer de outrem. O problema é a sobrevivência – auto-conservação – do filósofo que não se torna mercadoria venal e subserviente.

Adorno (1992, p. 57) lamenta o trato que a Filosofia recebe na sociedade administrada do consumo, avessa à liberdade que a cultura permitiria e que lhe é peculiar: “Por piedade, desmazelo e cálculo deixa-se a Filosofia continuar o seu trabalho enrolado no quadro acadêmico cada vez mais estreito, e mesmo aí é crescente o empenho no sentido de substituí-la por uma tautologia organizada”. A entronização na sociedade da circulação comercial submete o pensamento a produzir aquilo que será, muito em breve, revertido contra si. O lamento do autor tem suas razões. A sociedade do consumo está em acelerada produção, sempre à busca de exclusividades para instigar novas “opções” de consumo de tal forma que o filósofo vê-se “a todo instante obrigado a oferecer um produto refinado de escol” (Ibidem). A Filosofia sucumbe na exacerbação do consumo que significa, em algum momento decisivo, aquilo que Adorno (1995, p. 145) qualificou de “realismo supervalorizado<sup>1</sup>”, ou exagerado (1995, p. 129). O autor reconhece o mal que é a sociedade para os indivíduos, ao mesmo tempo em que lhes é necessária. Por causa desta última, as pessoas se submetem de uma forma tão obrigatória, convertendo o momento civilizatório em exagero da adaptação. O exagero chega ao ponto de “identificação com o agressor”, que a psicologia denominou “Síndrome de Estocolmo” (*Stockholm Syndrome*). O realismo supervalorizado pode ser explicado como o viver de forma tão externa à consciência (e à produção verdadeira desta, cf. Adorno 1995, p. 141) que

<sup>1</sup> “Pelo fato de o processo de adaptação ser tão desmesuradamente forçado por todo o contexto em que os homens vivem, eles precisam impor a adaptação a si mesmos de um modo dolorido, exagerando o realismo em relação a si mesmo, e, nos termos de Freud, identificando-se ao agressor. A crítica deste realismo supervalorizado parece-me ser uma das tarefas educacionais mais decisivas, a ser implementada, entretanto, já na primeira infância.” (ADORNO, 1995, p. 145).

o indivíduo nem tem vida interna a não ser como reprodução (mera duplicação) da realidade em sua consciência. Os apelos da realidade – inclusive de amplo espectro, como as oscilações no mercado mundializado – sempre se transformam em apelos para este indivíduo. Diria que é comum que este se molde pela realidade como escravo dela (servidão voluntária e intencional) e submeta os filhos a isto. As crianças que gastam seus dias em sala de aula, cursinhos de inglês, computação, lutas e balé, reforços em português e matemática (sem precisarem) e tantas outras atividades, em geral são filhas de pessoas que entendem que “a realidade é dura” e que elas precisam estar preparadas para quando crescerem. É uma cultura de ocupação, no interior da qual nem os pais, nem as crianças determinam as suas vidas.

Por ser dinâmica, sempre repleta de coisas, a realidade não permite, facilmente, a “espiritualidade, ou racionalidade” dos indivíduos. Externa como é, tende a dominar o sujeito por aquilo que é externo. A atenção do homem, seu coração, sua vida ficam como mecanismos de relação exclusiva com o que é externo e, assim, sua vida é, também, permanente cuidado com os solavancos e novidades da realidade fenomênica. Seu “extravio de si” é uma necessidade para a manutenção do exagero e, em muitos casos, esta é a única forma que as pessoas se acham capazes de demonstrar alguma cultura, alguma humanidade. Cabe razão a Santo Agostinho: “non foras ire, in teipsum redi: in interiore homine habitat veritas.”<sup>2</sup>

Os indícios mais claros são de que a Filosofia se torna desnecessária em uma sociedade de realismo supervalorizado, ao mesmo tempo em que o indivíduo se torna *extraño* a si mesmo, sendo apenas um “ser para o outro”. Na verdade a Filosofia aparece como um apelo contrário à realidade, entendida aqui como realismo exagerado. Está em cena, então, um jogo de falsos adversários (realidade-pensamento; cultura-bens da cultura; teoria-prática), como o prenúncio da dominação – em alguns casos

já consumada – empiria sobre qualquer elemento do espírito.

O conhecimento é um dos elementos mais importantes de qualquer cultura. A sua produção, assim, se torna uma questão vital para a sociedade que não só produz o conhecimento, mas é produto dele, também.

As sociedades ocidentais, intelectualmente inauguradas pela Grécia de Tales, têm se ocupado desta questão, ora com concentrado empenho, ora como se os fundamentos epistemológicos já estivessem dados, cabendo à determinada geração, a mera continuidade da história. Mais do que duas posições, estão sempre em disputa as muitas possibilidades da vida e morte da humanidade (física e espiritual), a partir de leituras e interpretações, interesses e ideologias sobre o mundo, sobre a vida, sobre a verdade, de quem se quer instalar como hegemônico.

A Dialética e o Positivismo são duas correntes realistas, se comparadas à Metafísica, mas opostas entre si no que diz respeito à essencial relação sujeito-objeto. Não há conhecimento sem estes dois elementos. Para o Positivismo só o objeto, em suas características físicas, determina o conhecimento; para a dialética o objeto é dinâmico – como, ademais, tudo o que existe –, o que provoca a necessidade de o sujeito se orientar no interior e por este dinamismo.

Historicamente o início da discussão pode ser atribuído a Parmênides (540 - 450 a.C.) e Heráclito (576-480 a.C.), mas foi a Filosofia Moderna (Kant, 1724-1804; Hegel, 1770-1831; Marx, 1818-1883) que estabeleceu os contornos atuais. Para Kosík (1995, p. 13) “a dialética trata da coisa em si”. Este dedicar-se à “coisa em si”, antes de mais nada, coloca a coisa como objeto importante: não se lida consigo mesmo (subjetivismo e idiosincrasias), mas com a coisa. Este ocupar-se da coisa gera o conhecimento, que humaniza o homem:

○ homem tem de envidar esforços e sair do “estado natural” para chegar a ser verdadeiramente homem “o homem

<sup>2</sup> Não vás fora de ti, retorna a ti (entra em ti mesmo), no interior do homem habita (está) a verdade.”

se forma" evoluindo-se em homem) e conhecer a realidade como tal. (KOSÍK, 1995, p. 27).

A dialética, estranha e maravilhosa, se manifesta como humanização na valoração da coisa (em antropologia se poderia dizer "na valoração do outro").

Para Adorno, na produção do conhecimento, o objeto tem primazia sobre o sujeito, de tal forma que:

[...] todo conocimiento fructífero tiene que echarse a fondo perdido en los objetos. [...] La verdad obliga al pensamiento a detenerse ante lo más mínimo. No hay que filosofar sobre lo concreto, sino a partir de ello. Pero la entrega al objeto específico pasa por sospechosa de carecer de una posición definida. (ADORNO, 1975, p. 20; 40-41).

Entregar-se ao objeto a fundo perdido, sem garantias de retorno do sujeito a si, é de uma radicalidade maiúscula. Há que se considerar, parece claro, o óbvio, ou seja, o sujeito nunca mais será o mesmo após qualquer processo, intencional ou não, no qual se envolva. A dialética não é característica apenas do objeto. A realidade é dialética. O sujeito é realidade. Outra sutileza é a observação de que a realidade é um "em si" ao não permitir "opiniões sobre ela", mas "a partir dela". A realidade não muda pelo caráter da interpretação, o que muda é a percepção, crítica, aceitação, distorção e subjetivismos outros, do sujeito. O ponto de partida precisa ser seguro, ou não serve para tal caráter. Não se filosofa sobre o (em cima do) concreto, mas a partir dele. Não se educa sobre a realidade, mas a partir dela, como afirmou Paulo Freire em muitas de suas conferências, contra aqueles que, de forma afoita e açodada mal entendiam a novidade do educador, prejudicando o objeto. Em termos gerais as pessoas já estão saturadas, até odiando a realidade. Quem se proponha a trabalhar sobre a realidade não oferece nada de novo, de alguma forma, se preocupa em reproduzir e duplicar a rea-

lidade – ruim! – no máximo de forma abstrata, quando muito teoricamente. A ciência não teria esta incumbência:

[...] a ciência só pode ser algo mais do que simples duplicação da Realidade no pensamento se estiver impregnada de espírito crítico. Explicar a realidade significa sempre romper o círculo da duplicação. Crítica não significa, neste caso, subjetivismo mas confronto da coisa com o seu próprio conceito. O dado só se oferece a uma visão que o considere sob o aspecto de um verdadeiro interesse, seja de uma sociedade livre, de um Estado justo ou do desenvolvimento da humanidade. E quem não compara as coisas humanas com o que elas querem significar, vê-as não só de uma forma superficial mas definitivamente falsa. (HORKHEIMER e ADORNO, 1973, p. 21).

A simples duplicação da realidade parece tarefa pequena para a nobre presença da ciência na sociedade. O círculo da duplicação funciona como uma aliança – com a inverdade, parece – eterna: o sujeito não sai nunca e, portanto, nunca produz outra coisa que não o mesmo. Os autores, na *Dialética do esclarecimento*. (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p. 126), se valem da imagem da máquina que gira (e pode girar cada vez mais rápido) sem sair do lugar, "[...] se contenta com a reprodução do que é sempre o mesmo." O mal não reside em "não sair do lugar", mas em permanecer sempre no mesmo mau lugar. É por este motivo que se evoca o "espírito crítico" que quebrantaria a duplicação. A explicação da realidade que ultrapassa a mera duplicação corrobora, em Adorno (2005), o que Marx, na tese 11<sup>3</sup>, chamou de interpretação do mundo de "diferentes maneiras", advertindo sobre a necessidade de transformá-lo.

Só dialeticamente me parece possível a interpretação filosófica. Quando Marx reprovava aos filósofos que apenas haviam interpretado o mundo de diferentes formas, que apenas o haviam confrontado,

<sup>3</sup> "Os filósofos apenas 'interpretaram' o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo." (MARX e ENGELS, 2007, p. 535).

tratava-se de transformá-lo, essa frase não somente é legitimadora da práxis política e sim também da teoria filosófica. No aniquilamento da pergunta se confirma a autenticidade da interpretação filosófica e o puro pensamento não é capaz de levá-la a cabo a partir de si mesmo; por isso leva à práxis forçosamente. É supérfluo procurar uma concepção de pragmatismo, em que teoria e práxis explicitamente se cruzem de tal maneira, como na dialética.

A questão da crítica foi trabalhada (e desvelada) por Adorno (1998, p. 7-25) em "Crítica cultural e sociedade", numa presumível correção pelo mau uso do termo "crítico da cultura" apropriado pela sociedade burguesa, como forma de ofuscar e mistificar o que parecia tão caro aos seus críticos. Adorno diferencia o crítico da cultura do crítico *dialético* da cultura.<sup>4</sup> O primeiro elabora discursos ferozes sobre sua insatisfação contra a cultura, para quem unicamente deve seu mal-estar: mas se alimenta dela e da situação ruim da cultura; o segundo, imbuído da dialética, não teme a destruição do errado, se integra à cultura sem entregar-se a ela: não obedece aos cânones da sociedade administrada. Textualmente:

"A crítica não é injusta quando destrói – esta ainda seria sua melhor qualidade –, mas quando, ao desobedecer, obedece. [...] O sentido próprio da cultura, entretanto, consiste na interrupção da objetivação. (ADORNO, 1998, p. 11).

Ao enunciarem a crítica como "confronto da coisa com seu próprio conceito", ao invés de subjetivismos (quem sabe, idiosincrasias?), os autores estabelecem o critério de julgamento para o sujeito cognoscente, que não é o seu juízo de valor, mas o juízo de fato.

Adorno adverte, ainda, contra a posição não-dialética: entregar-se ao objeto é uma atitude suspeita, como quem não tem

posição. É esta conduta positivista que ofusca a realidade superestimando aspectos (físicos e mensuráveis) desta. O pensamento necessita do objeto para a sua própria produção. A Fenomenologia já havia – no início do século XX – anunciado corretamente que não existe consciência vazia, toda consciência é consciência de algo. Esta posição rivaliza com o "mundo das idéias" de Platão, bem como com o Idealismo alemão, em particular, com o de Hegel (1997). Marx estabeleceu a mesma rivalidade ao inverter as posições hegelianas de realidade e consciência. Para Marx e Engels (2007, p. 94) a realidade, portanto, o objeto, é que determina a consciência.

Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. No primeiro modo de considerar as coisas, parte-se da consciência como do indivíduo vivo; no segundo, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais, vivos, e se considera a consciência apenas como 'sua' consciência [a consciência desses indivíduos práticos, atuantes].

Para Horkheimer e Adorno, ainda,

Onde o pensar é realmente produtivo, onde é criador, ali ele é sempre também um reagir. A passividade está no âmago do ativo, é um constituir-se do Eu a partir do não-Eu. [...] O pensar, enquanto ato subjetivo, deve primeiro entregar-se verdadeiramente à coisa, onde, como ensinaram Kant e os idealistas, constitui ou inclusive produz a coisa. Dela depende o pensamento mesmo ali onde o conceito de uma coisa lhe é problemático e onde o pensar se propõe primeiro a fundá-la ele mesmo. Mal se pode fornecer um argumento mais forte em favor da frágil primazia do objeto [*Objekt*] – compreensível apenas na mútua mediação entre sujeito e objeto – que o de que pensar deve acomodar-se a um objeto até mesmo quando ainda não o possui, até quando

<sup>4</sup> Situação análoga se percebe hoje (2008) no Brasil, onde se tem um (hipotético/patético) governo de esquerda e a oposição. Nem o governo ou seu partido são de esquerda, como nem toda oposição é de direita. Os opositores que mantêm alguma orientação marxista (socialista e/ou comunista) passaram a se denominar por "oposição revolucionária", para se distinguir da disputa dos opositores burgueses e o governo burguês. Não quero aprofundar, apenas anotar isto, como uma situação de *insigth*.

meramente pretende produzi-lo. [...] Kant ratifica involuntariamente a primazia do objeto (ADORNO, 1995a, p. 18).

**E é o mesmo positivismo que Kosík (1995, p. 30; 31) aponta como uma forma reducionista e, por isso, pseudoconcreta, de compreender e de se relacionar com a realidade.**

À imagem fiscalista do positivismo empobreceu o mundo humano e no seu absoluto exclusivismo deformou a realidade: reduziu o mundo real a uma única dimensão e sob o único aspecto, à dimensão da extensão e das relações quantitativas [...]

O fiscalismo positivista é responsável pelo equívoco de ter considerado uma certa imagem da realidade como a realidade mesma, e um determinado modo de apropriação da realidade como o único autêntico.

**Ao desvelar o Positivismo como reducionismo, Kosík aponta o que está relegado: a totalidade, o concreto, em suma, a realidade (como totalidade). A realidade não é, nem se obriga a ser, o que se pensa que ela seja; reduzi-la é um ato arbitrário (quase sempre escondendo interesses e ideologias que comprometem o conhecimento, a capacidade do sujeito e a grandeza do objeto). A realidade não se tornou dialética porque alguém quis, mas ela é dialética independente da arbitrariedade humana, que, não raro, em sucessivos sistemas de conhecimento, tem sido reduzida, repito, arbitrariamente.**

**Para manter a arbitrariedade, como qualquer sistema coeso em si – e em desprezo à realidade como tal – o Positivismo estabeleceu regras e procedimentos rígidos que garantem, para si, a autoridade na produção do conhecimento:**

Uma exigência fundamental, que todo sistema teórico tem que satisfazer, consiste em estarem todas as partes conectadas ininterruptamente e livres de contradição [...]

Na medida em que se manifesta uma tendência nesse conceito (*Begriff*) tradicional de teoria, ela visa a um sistema de sinais puramente matemáticos. [...]

As ciências do homem têm procurado seguir o modelo (*Vorbild*) das bem sucedidas ciências naturais [...]

Opera-se com proposições condicionais, aplicadas a uma tal situação dada. Pressupondo-se as circunstâncias a, b, c, d, deve-se esperar a ocorrência q; desparecendo p, espera-se a ocorrência r, advindo g, então espera-se a ocorrência s, e assim por diante. Esse calcular pertence ao arcabouço lógico da história da ciência natural. É o modo de existência da teoria em sentido tradicional." (HORKHEIMER, 1985, p. 33, 4, 6).

**Desta forma a realidade é enquadrada no método e o que escapa é relegado com desprezo. A técnica está acima da realidade (do objeto) a ser conhecido, o que demonstra um estado de não-humildade do sujeito diante do objeto. A relação**

A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital [...] O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens [...] O que importa não é aquela satisfação que, para os homens se chama 'verdade', mas a 'operation', o procedimento eficaz [...] Não deve haver nenhum mistério, mas tampouco o desejo de sua revelação (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p. 20).

**Para Comte (1991, p. 7), a apreensão do dado é suficiente, como a única forma apreensão verdadeira:**

Quanto a determinar o que são nelas próprias [nas coisas] essa atração e essa gravidade, quais são suas causas são questões que consideramos insolúveis, não pertencendo mais ao domínio da filosofia positiva, e que abandonamos com razão à imaginação dos teólogos ou à sutileza dos metafísicos.

**Para o francês, as questões consideradas "insolúveis" têm motivos suficientes para o seu abandono, sob ironia indisfarçável, aos teólogos ou metafísicos. O dado, naquilo que pode ser mensurável, é a única realidade que importa. O que mais se**

possa esperar daí, deve ser relegado a uma espécie de condição infra-científica, um devaneio talvez. As coisas podem ser conhecidas, pela técnica “eficiente”, nos seus aspectos físicos (forma, matéria, quantidade); naquilo que extrapola estes limites, para Comte, não é possível a certeza, o conhecimento seguro.

Para Adorno (1994b, p. 172), no Positivismo, como teoria tradicional dominante (concordando com Horkheimer (1991), a ofuscação de parte da realidade não é um problema só por isto. O que maliciosamente subjaz é a pretensão administrativa do conhecimento e, com isto, a obnubilação do pensamento sob a promessa de conhecimento seguro. São elementos vitais para um conhecimento, social e heteronomamente, útil:

Passa-se a exigir do espírito um certificado de competência administrativa, para que ele, ao ater-se às linhas limítrofes culturalmente delineadas e sacramentadas, não vá além da própria cultura oficial. Pressupõe-se nisso que todo conhecimento possa, potencialmente ser convertido em ciência.

O certificado de competência torna-se substituto do conhecimento mesmo e demonstra a sujeição do indivíduo a que é imposta, como regra exterior tanto ao objeto quanto ao sujeito do conhecimento. A característica disto não é o desconhecimento, mas o conhecimento parcial com a pretensão de conhecimento pleno. O competente e seus asseclas formam o coro de vozes contra os não-especialistas, que não tem a liberdade de afirmar qualquer coisa, sobre qualquer assunto, em qualquer tempo (principalmente diante de qualquer um):

Essas múltiplas falas de especialistas geram o sentimento individual e coletivo da incompetência, arma poderosa de dominação. Essas falas científicas ou técnicas têm a finalidade de tornar a realidade absolutamente transparente, dominável, controlável, previsível, determinando de antemão o que cada um de nós deve ser para, simplesmente, poder ser. Interpostas entre nós e nossas experiências, esses discursos competentes têm a finalidade

de fazer-me considerar minha própria vida como desprovida de sentido enquanto não for obediente aos cânones do ‘progresso científico’ que me dirá como ver, tocar, sentir, falar, ouvir, escrever, ler, pensar e viver. (CHAUÍ, 1982, p. 59).

A corroboração do pensamento adorniano em Chauí – ainda que sob outro viés teórico – se prolonga para além da crítica à administração do conhecimento pelos cânones positivistas da cultura oficial e seu malfadado esforço para deixar a realidade límpida e cristalina (coisa que nunca será!).

Adorno (1995), assevera sobre certa incapacidade para a experiência, de tal forma que a educação para a emancipação precisaria desenvolver a capacidade para a experiência. Chauí adverte para o fato de que entre o sujeito e sua experiência (de vida) sempre está a figura do especialista. Nos dois autores a experiência aparece sacrificada, representando, em suma, uma derrota do sujeito cognocente (que é, afinal, o sujeito humano em sua totalidade). Horkheimer e Adorno (1985, p. 139-140) já haviam denunciado a derrota do sujeito pensante em relação às grandes corporações empresariais. A novidade, aqui, é a derrota do sujeito tomado como ser incapaz. Mesmo de posse do “certificado” e no cumprimento do estatuto canônico, o sujeito não tem (e não pode ter) importância na produção do conhecimento (a verdade é que uma máquina poderia ser muito mais eficiente na produção positivista do conhecimento do que o ser humano, uma pletora de sentimentos, intenções etc.):

A disciplina científica em voga requer que do sujeito que se apague a si mesmo em prol da primazia da coisa ingenuamente presumida. A isto opõe-se a filosofia. O pensar não deve reduzir-se ao método, a verdade não é o resto que permanece após a eliminação do sujeito. Pelo contrário, este deve levar consigo toda sua inervação e experiência na observação da coisa para, segundo o ideal, perder-se nela. A desconfiança em relação a isso representa a atual configuração da hostilidade ao pensamento. (ADORNO, 1995a, p. 19).

O que se pode pensar é que, no Positivismo, o sujeito, em sua condição humana, não é bem vindo como tal. Sua humanidade (inclusive o que há de lúdico, de pueril e de audácia/ousadia) não contribui para o conhecimento que pretenda o *status* de ciência, podendo até comprometer a “seriedade” exigida para a ciência. O método não submete apenas o objeto às suas determinações *a priori*: o sujeito deve-se moldar e obedecer ao rito. Desta forma, o método está acima e é anterior à relação sujeito-objeto; assume a condição de determinante total do conhecimento, não permitindo a consideração do que não foi entabulado, estipulado em seus cânones. Não por diferentes motivos uma das máximas de Comte (1991, p. 92<sup>5</sup>) tem

“a ordem por base”, o que se aproxima do realismo supervalorizado e que, mais tarde, Adorno (1995, p.) caracterizará como uma das faces da “personalidade autoritária”.

O caráter manipulador — e qualquer um pode acompanhar isto a partir das fontes disponíveis acerca desses líderes nazistas — se distingue pela fúria organizativa, pela incapacidade total de levar a cabo experiências humanas diretas, por um certo tipo de ausência de emoções, por um realismo exagerado. A qualquer custo ele procura praticar uma pretensa, embora delirante, *realpolitik*. Nem por um segundo sequer ele imagina o mundo diferente do que ele é, possesso pela vontade de *doing things*, de fazer coisas, indiferente ao conteúdo de tais ações. Ele faz do ser atuante, da atividade, da chamada *efficiency* enquanto tal, um culto, cujo eco ressoa na propaganda do homem ativo. [...] Se fosse obrigado a resumir em uma fórmula esse tipo de caráter manipulador — o que talvez seja equivocado embora útil à compreensão — eu o denominaria de o tipo da *consciência coisificada*. No começo as pessoas desse tipo se tornam por assim dizer iguais a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas.

**Esta fúria organizativa assume o peso de conduta de vida deste indivíduo e funcio-**

na como – e só funciona como – um artifício para compensar a incapacidade para experiências humanas e para um determinado nível de ausência de emoções. O realismo exagerado parece ser sempre uma categoria gerada a partir do interior do sujeito, ou seja, não parece que o “peso da realidade” seja tão grandiosamente imponente, mas que esta imponente é gerada, desenvolvida e sustentada pelo sujeito que não assume outra atitude – seja por decisão própria, inabilidade pessoal, incapacidade, ou qualquer outra.

A consciência coisificada, é um produto e, no seu lastro de existência, torna-se criadora e reprodutora da reificação. Mais do que tratar o que não é coisa como coisa, ou do que o trato da “inanimação” comum de objetos vulgares, em Adorno tem a ver com o princípio único identificador de todas as coisas (seres), anulando a gama de particularidades destas. Aqui não importa o que é o objeto, importa a análise a partir de pré-concepções às quais todo objeto deve ser submetido. Ao interpretar a obra de Adorno, Martin Jay (1988, p. 63) caracteriza a coisificação como “[...] a supressão da heterogeneidade em nome da identidade.” Para o Positivismo tudo tem de ser reduzido à fisicalidade, mensurabilidade; para o Pragmatismo tudo deve ser visto sob o prisma da prática (*pragma*); no Capitalismo “tudo tem o seu preço”, tudo é reduzido à condição de mercadoria e, se assim não acontecer, cada uma destas posições perde o seu arsenal teórico-abstrato.

Adorno reitera o rechaço contra a submissão do pensamento ao método, limitando-se a afirmar que a Filosofia se opõe a isto, sem nenhum argumento: é taxativo! O método examina a coisa a partir de seu exterior, manipulando-a de acordo com as suas hipóteses e variáveis. A dialética produz conhecimento a partir do objeto, de seu interior. Adorno – em um segundo texto – reafirma a necessidade de entrega do sujeito ao objeto a ponto de perder-se nele (a fundo perdido) como forma de não tratar apenas da superficialidade da coisa “ingenuamente

<sup>5</sup> “[...] a fórmula sagrada do positivismo: o Amor por princípio, a Ordem por base e o Progresso por fim.”

presumida”, evitando, assim, também, a queda em um subjetivismo tão exacerbado que pode ser caracterizado, sem problemas, como narcisismo patológico.

O autor reconhece, novamente, que a entrega do sujeito a fundo perdido ao objeto, torna-se suspeita para a mentalidade hostil ao pensamento. Há arrogância e medo (talvez Kant (1989) chamasse isto de “cobardia”), resistência não humilde do sujeito que não se deixa conduzir pelo objeto. O que está em xeque não é o conhecimento, nem o objeto, mas a ordem e submissão ao método. Entregar-se ao objeto, até o grau de angústia extremada, requer do sujeito desprendimento e prontidão (ou disposição) para o não-calculado, para o não-previsto. Isto escapa à administração sisuda de qualquer corrente que desmereça o potencial do objeto e do que pode ser produzido. Há uma insistência de Adorno para que não se despreze as coisas, a realidade; nada é inútil ou casual.

A importância do método, na produção do conhecimento, para a Dialética – isto aparece claramente em Adorno, para o qual a teoria hegeliana e a teoria marxiana servem de fonte e de modelo (ADORNO, 1975) – sempre depende muito mais do objeto, da realidade, do que de esquemas pré-elaborados, supostamente neutros, particularmente independentes e universalmente válidos. A pré-elaboração do método, no entanto, é imprescindível na medida em que se coloca como planejamento, jamais como determinação *a priori*, que desmerece o momento, o objeto, o sujeito, em suma, a experiência. O conhecimento é produto e processo de uma atitude intencional, necessita de mais do que “o encontro” entre sujeito e objeto. Contrário às predeterminações arbitrárias, que cobram responsabilidade do intelectual, – comprometidas que estão com a situação social injusta – Adorno (1992, p. 69) adverte:

A exortação de praticar com zelo a honestidade intelectual desemboca na maioria das vezes na sabotagem dos pensamentos. [...] Os textos que empreendem ansiosamente uma reprodução completa de cada passo caem inevitavelmente na banalidade e numa monotonia, que afeta

não somente o suspense da leitura, mas também sua própria substância [...] Ao contrário, o conhecimento dá-se numa rede onde se entrelaçam prejuízos, intuições, inervações, autocorrekções, antecipações e exageros, em poucas palavras, na experiência, que é densa, fundada, mas de modo algum transparente em todos os seus pontos.

Há uma contradição patente entre zelo e honestidade e exercício do pensamento. O autor se refere à cobrança da ciência sisuda (disciplina objetiva) que, sob intenções escusas, prega a responsabilidade, sem a pretensão da verdade. Uma das definições que os dicionários oferecem para sabotagem é: “prejuízo de caso pensado”. O zelo e honestidade denunciados pelo autor têm a ver com a responsabilidade desta ciência com a sociedade do *status*, cuja preocupação é responder aos ditames que garantem sua autopreservação, sem “dar confiança” ao indivíduo.

A afirmação corrente de que “cada um tem a sua verdade” soa como uma desculpa de quem não sabe, não quer, não consegue superar o seu prejuízo. Seria de se admirar uma sociedade que a isto se submetesse. Aparentemente cada um seria um potezinho de verdades que podem ser expostas para o convívio e, às objeções, diga-se com zelo: cada um tem a sua verdade!

Há um espírito narcíseo e prepotente individual e coletivo, como se cada um fosse dono da verdade. Não há donos da verdade porque ela seria muito maior do que qualquer indivíduo ou coletivo.

O narcisismo coletivo alimentado por tal mecanismo faz com que as pessoas compensem a consciência de sua impotência social – consciência que penetra até em suas constelações instintivas individuais – e, ao mesmo tempo, atenuem a sensação de culpa por não serem nem fazerem o que, em seu próprio conceito, deveriam ser e fazer. Colocam-se a si mesmos, real ou imaginariamente, como membros de um ser mais elevado e amplo, a quem acrescentam os atributos de tudo o que lhes falta e de que recebem de volta, sigilosamente, algo que simula uma participação naquelas qualidades. (ADORNO, 1996, p.404-4055).

O narcisismo pode ser considerado uma doença psicológica que envolve corpo e alma (psicossomática). Há um "auto-culto" da personalidade como se esta estivesse acima de tudo, uma devoção ao *self*, por meio de idolatria e ilusão. Esta exacerbação do ego funciona como um mecanismo de compensação pela auto-estima avariada. Por um lado, externo, há a manifestação de auto-idolatria que chega a ferir as pessoas ao seu redor, por outro, internamente, uma "alma sofredora" e impotente. É uma má-compensação de deficiências não superadas e pelas quais, de forma não-consciente, se admite que nunca haverá aceitação por parte das pessoas com as quais se estabelece convívio. A imagem do "rei na barriga" ("reinho mandão") representa bem o que significa o narciso. A situação levantada por Adorno é a da existência de pandemia narcísea. O narcisismo coletivo, aqui, poderia mesmo ser investigado sob a ótica da utilidade social e ideológica, explorada e patrocinada pela indústria cultural.

Por se sentirem impotentes as pessoas se auto-elevam a um plano superior, a partir do qual se tornam potências de índole e poder inabaláveis; se fazem fabulosas. Para não serem retiradas desta "caverna ornamentada" esperam a entrada de muitos neste mundo ilusório. Admitir que cada um tem a sua verdade – aquilo que se convencionou chamar entre intelectuais de "achismo" – é uma forma de repartir prejuízos, de estar atolado em miséria e chamando a participação de todos como um "nivelar por baixo".

Para o autor o narcisismo existe uma origem social: as pessoas se sentem impotentes, insuficientes no interior de todo o aparato social, econômico, político. Para compensar esta insuficiência a arrogância cumpre seu sórdido papel insuflando auto-estimas avariadas. A pujante exacerbação de egos tem por meta ofuscar a realidade, qual seja, que somos aprendizes, não determinadores da verdade.

A crítica, entendida como confronto da coisa com seu conceito, depura o processo de conhecimento fazendo do sujeito um aprendiz da realidade; o "entregar-se a fundo perdido" pode significar o "tornar-se

sujeito passivo do conhecimento", situação com a qual um comportamento narcíseo jamais admitiria de bom grado. As idiosincrasias e os subjetivismos, manifestações da má-individualidade, acrescentam ao objeto coisas a partir de seu exterior, ou seja, se compromete o objeto sem poder-lhe conhecer naquilo que o faz específico, individual.

Adorno (*Minima moralia*, af. 72) faz uma comparação entre felicidade, verdade e seio materno:

Com a felicidade acontece o mesmo que com a verdade: não se possui, mas está-se nela. Sim, a felicidade não é mais do que o estar envolvido, reflexo da segurança do seio materno.

Desta forma parece que não há indivíduos que tenham verdades diferentes – por mais democrático que isto possa parecer mas, como é sabido de qualquer filósofo, a verdade não depende da maioria – as pessoas moram, ou não na verdade. De forma mais contundente dir-se-ia que pertencemos, ou não à verdade. A expressão "dono da verdade" passa a ser, portanto, um absurdo de proporções hiperbólicas já para aquele que a pronuncia. O pretendente desta posse é um lunático.

Entregar-se ao objeto, é a aventura da consciência livre, cujo maior exercício de autonomia é compreender que seu melhor estado e processo é viver a verdade. Deixar-se ensinar pelo objeto significa fazer-se humilde para se humanizar. Há aqui alguma semelhança com a *epoqué* da Fenomenologia, naquilo em que o sujeito abre mão de experiências, conceitos já elaborados (*a priorismo*), ideologias. Longe de ser neutro, a experiência do sujeito é construída no desvelamento da realidade do objeto. Isto significa contemplação, a que os gregos chamam de "theoria" (θεωρία). Isto tem implicações morais, sociais, políticas, econômicas, acadêmicas e humanas da mais alta envergadura.

A verdade "no interior do homem" de Santo Agostinho somente se comprovaria, então, pela existência do homem no interior da verdade. Claro que, como desdenhou Pilatos (Jo. 18, 38) diante de Cristo: "O que é a verdade?", como quem pergunta: quem se interessa pela verdade?

A Filosofia tem muito a interpretar. Ao homem cabe a construção da verdade, na sua vivência, como o pedreiro que constrói a sua casa e a ela dedica seus melhores esforços. Constrói uma casa humilde no sonho de uma mansão.

## Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. *A atualidade da Filosofia*. Disponível em: <[http://antivalor.vilabol.uol.com.br/textos/frankfurt/adorno/adorno\\_07.htm](http://antivalor.vilabol.uol.com.br/textos/frankfurt/adorno/adorno_07.htm)>, acesso em 26 abr. 2005.

\_\_\_\_\_. *Dialéctica negativa*. Madrid: Taurus, 1975. (Cuadernos para El Dialogo).

\_\_\_\_\_. *Minima moralia*: reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992. (Série Temas, v. 30).

\_\_\_\_\_. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. Teoria da pseudocultura. *Revista Educação & Sociedade*, n. 56, v. 17. Campinas: Papyrus, 1996, p. 388-411. (Ciências da Educação I. CEDES).

\_\_\_\_\_. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 1998.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulinas, 1985.

FREUD, S. *Obras psicológicas*: antologia organizada e comentada por Peter Gay. Rio de Janeiro: Imago, 1992. (Psicologia psicanalítica).

HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. *Dialéctica do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

\_\_\_\_\_. e \_\_\_\_\_. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1973.

KANT, I. Resposta à pergunta: o que é iluminismo? In: \_\_\_\_\_. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1989 (1990?), p. 11-9. (Textos filosóficos).

KOSÍK, K. *Dialéctica do concreto*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

MARX, K. ENGELS, *A ideologia alemã*: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.